

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JHENIFFER PEREIRA LIMA DA COSTA
MARIA ELISA DA SILVA TORRES
MARIA GABRYELLA RIBEIRO ARAUJO

LUTO NA SEGUNDA INFÂNCIA:
A IMPORTÂNCIA DA PSICOTERAPIA INFANTIL
PARA CRIANÇAS QUE VIVENCIAM A MORTE DE
SEUS PAIS

RECIFE/2023

JHENIFFER PEREIRA LIMA DA COSTA
MARIA ELISA DA SILVA TORRES
MARIA GABRYELLA RIBEIRO ARAUJO

LUTO NA SEGUNDA INFÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA PSICOTERAPIA
INFANTIL PARA CRIANÇAS QUE VIVENCIAM A MORTE DE SEUS PAIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em
Psicologia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão
do curso.

Orientador(a): Profa. Ma. Catarina Burle Viana

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

C8371 Costa, Jheniffer Pereira Lima da.
Luto na segunda infância: a importância da psicoterapia infantil para
crianças que vivenciam a morte de seus pais / Jheniffer Pereira Lima da
Costa; Maria Elisa da Silva Torres; Maria Gabryella Ribeiro Araujo. - Recife:
O Autor, 2023.
37 p.

Orientador(a): Ma. Catarina Burle Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro - UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Morte. 2. Luto na infância. 3. Elaboração do luto. 4. Psicoterapia.
I. Torres, Maria Elisa da Silva. II. Araujo, Maria Gabryella Ribeiro. III.
Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

“Dedico este trabalho primeiramente a Deus e a minha filha, Maria Clara, a pessoa por quem escolho lutar todos os dias. ”

Maria Gabryella Ribeiro

“Dedico este trabalho primeiramente a Deus e aos meus pais e avós, que fizeram o início e permanência nesta graduação possível. ”

Jheniffer Pereira

“Dedico este trabalho primeiro a Deus, a minha irmã e as minhas sobrinhas, por elas me mantive de pé. ”

Maria Elisa Torres

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, queremos agradecer a Deus pela oportunidade de estar concluindo uma graduação, algo que almejamos muito, além de ter-nos auxiliado e suprido todas as necessidades durante todo o período do curso. Agradecemos também a Instituição o Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA) por ter sido nossa casa durante esses cinco anos e aos excelentes professores que nos ensinaram e apoiaram nessa jornada.

“Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de estar concluindo o curso que tanto almejei e por ter feito muito mais do que pensei e poderia imaginar. Foi Ele também que me manteve de pé, mesmo com tantas dificuldades, nunca pensei em desistir, pois Ele foi e é a minha força. Agradeço a minha família, especialmente ao meu esposo Júlio Gabriel que sempre esteve ao meu lado apoiando, dando forças, encorajando e ajudando em todas as circunstâncias. À minha mãe Luana que desde o início afirmava que eu seria a melhor Psicóloga, ao meu pai, e ainda a minha sogra que não mediu esforços para me ajudar. Agradeço a professora Tainá Ottoni, responsável por eu ter me apaixonado pela Neuroanatomia e à professora Catarina Burle, que está a dois anos me orientando acerca da formatação de artigos com uma facilidade imensa de explicar os detalhes mais complicados e agora direcionando sobre a construção deste trabalho, sou grata por tê-las encontrado em minha trajetória. Ainda quero agradecer aos meus colegas de turma, que alegraram e tornaram até os dias difíceis em alegres, em especial a Adeilson, que me auxilia em todas as minhas dúvidas e ainda é um amigo para todas as horas, e às meninas que fazem parte deste grupo, Jheniffer e Elisa, amigas que sempre estão presentes e que vou levar até o fim dos meus dias. ”

Maria Gabryella Ribeiro

“Agradeço a Deus pela oportunidade a qual o mesmo me concedeu de poder realizar um dos meus muitos sonhos, em que este foi estar concluindo a graduação. Por me dar forças, graça e determinação a cada semestre concluído. A mim mesma e ao meu eu, aos meus familiares que muito me ajudaram e incentivaram nessa longa e extensa caminhada, meu grupo de amigos íntimos da igreja, meus primos paternos e maternos, meus irmãos, minhas amigas Raíssa Santana e Josiane Oliveira e a alguns

professores que fizeram apaixonar-me mais ainda pela Psicologia. E por fim e de suma importância, aos meus amigos que se tornaram mais chegados que irmãos a qual conheci nesses longos e cinco anos de graduação: Maria Gabryella, Maria Elisa e Adeilson Melo, obrigada por sempre me ajudarem e inspirarem não só na vida acadêmica como também como pessoa. Vocês são incríveis, amo demais e os levarei por toda vida. ”

Jheniffer Pereira

”Agradeço em especial aos meus pais que sempre acreditaram que eu poderia chegar onde quisesse e alcançar todos os meus objetivos, através deles pude realizar esse sonho, e nunca mediram esforços para me incentivar a estudar, dando-me suporte para me tornar quem eu sou hoje. Agradeço a minha família que vai muito além de laços sanguíneos, escolhidos por mim através da direção de Deus, família essa a qual me motiva sempre a me tornar alguém melhor a cada dia. A minha irmã caçula Lívia, que desde o seu nascimento tem sido o mais perto que eu conheço de empatia e gentileza, por muitas vezes ela foi a força externa a qual eu precisava para continuar de pé. As minhas sobrinhas Luísa e Lorena, que com ingenuidade e amor vem me trazendo alegria. A minha família em Cristo, em especial ao Ministério Zoe, meus mais sinceros agradecimentos, foram o lar quando eu precisei de casa. A professora Catarina Burle, a melhor orientadora que poderíamos ter, com sua mentoria foi possível concluir esse trabalho de pesquisa. A professora Cláudia Gouveia que trouxe a psicanálise para minha vida de uma forma que foi impossível seguir outro caminho. Não poderia deixar de mencionar meus agradecimentos às minhas amigas Gabryella e Jheniffer, por terem me acolhido desde quando nos conhecemos, elas são muito especiais para mim, sendo um “gás” mais, tornando os últimos períodos mais leves. ”

Maria Elisa Torres

“O desamparo é associado ao medo da perda do amor do ser que ocupa a função de protetor.”

- Sigmund Freud (1925-1926).

RESUMO

A morte se trata de um fenômeno natural que será vivenciado por todos nós, porém mesmo sendo algo cotidiano, a morte ainda é vista como algo temido e raramente está presente em diálogos entre familiares e amigos. Se tratando de algo inevitável ao ser humano, algum dia, alguém próximo a nós pode vir a falecer, e neste momento é comum que a família decida não contar a criança com clareza sobre o que está ocorrendo e não a deixem comparecer e/ou participar dos rituais fúnebres, que se configura como a última despedida. Ao não ser informada sobre a morte, a criança tende a não compreender o fato nem muito menos o que sente, ficando assim impossibilitada de vivenciar o luto de forma saudável. Este trabalho tem como objetivo entender a importância da psicoterapia infantil para crianças na segunda infância que vivenciam o luto de seus pais. A presente pesquisa foi feita através da abordagem qualitativa, e como método de pesquisa foi utilizado a Revisão Sistemática de Literatura, que se trata de uma revisão literária de tudo aquilo que já foi pesquisado acerca do tema escolhido. Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os seguintes descritores: luto, morte, desenvolvimento infantil, pais e psicoterapia, todos de acordo com a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os resultados apontaram que é de extrema importância que haja um adulto no qual esclareça tudo o que esteja ocorrendo de forma clara e objetiva, respeitando a idade da criança e seu nível de desenvolvimento. Também foi percebido que a Psicoterapia Infantil desempenha um papel crucial no auxílio do processo da elaboração do luto infantil, e através da ludoterapia, que se trata de um tipo de psicoterapia que atua através do brincar e de forma lúdica, que o setting terapêutico se torna um espaço seguro e confortável para que a criança possa entender o que está sentindo e vivenciar o luto de forma saudável. É imprescindível salientar que se faz necessário novos estudos na área da Psicologia acerca do luto na infância, pois os resultados mostram um déficit de estudos nessa área, principalmente em relação as consequências no desenvolvimento da criança. Conclui-se que este estudo não se encerra nele mesmo e que é relevante para o avanço da ciência, trazer a Psicologia para o cenário de discussão sobre o luto na infância e suas implicações.

Palavras-chave: morte; luto na infância; elaboração do luto; psicoterapia.

ABSTRACT

Death is a natural phenomenon that will be experienced by all of us, but even though it is something everyday, death is still seen as something feared and is rarely present in dialogues between family and friends. As it is something inevitable for human beings, one day, someone close to us may die, and at this moment it is common for the family to decide not to tell the child clearly about what is happening and not to let them attend and/or participate. of the funeral rituals, which is configured as the last farewell. By not being informed about the death, the child tends not to understand the fact, much less what they feel, thus being unable to experience grief in a healthy way. This work aims to understand the importance of child psychotherapy for children in second childhood who experience their parents' grief. This research was carried out using a qualitative approach, and the Systematic Literature Review was used as a research method, which is a literary review of everything that has already been researched on the chosen topic. To carry out this research, the following descriptors were used: grief, death, child development, parents and psychotherapy, all in accordance with the Virtual Health Library (VHL). The results showed that it is extremely important that there is an adult who explains everything that is happening in a clear and objective way, respecting the child's age and level of development. It was also noticed that Child Psychotherapy plays a crucial role in helping the process of working through child mourning, and through play therapy, which is a type of psychotherapy that works through play and in a playful way, that the therapeutic setting becomes a safe and comfortable space so that the child can understand what they are feeling and experience grief in a healthy way. It is essential to highlight that new studies in the field of Psychology on childhood grief are necessary, as the results show a lack of studies in this area, especially in relation to the consequences on the child's development. It is concluded that this study does not end with itself and that it is relevant for the advancement of science, bringing Psychology into the discussion about childhood grief and its implications.

Keywords: death; childhood grief; elaboration of mourning; psychotherapy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados	29
----------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS- Biblioteca Virtual em Saúde.

IBDFAM- Instituto Brasileiro de Direito de Família.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

PEPSIC- Periódicos Eletrônicos em Psicologia.

SCIELO- Scientific Electronic Library Online.

TCC- Trabalho Conclusão de Curso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo geral	17
2.2 Objetivos específicos	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 Desenvolvimento Infantil	18
3.2 A família e suas configurações	20
3.3 Morte e os Processos do Luto	21
3.4 Psicoterapia infantil	24
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	27
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
5.1 Compreensão de morte na infância	34
5.2 Elaboração do luto na infância	35
5.3 Implicações do luto	37
5.4 O papel da psicoterapia no luto infantil	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
7 REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Em 2022 a Fiocruz publicou uma matéria em que são apresentados dados onde relatam que no Brasil existem mais de 40 mil crianças e adolescentes órfãos devido a Covid-19. Ainda na matéria, um dos pesquisadores discute sobre as consequências desse acontecimento, retratando que crianças que perdem um de seus pais ou ambos, tendem a ser mais vulneráveis socialmente, e que além disso, são mais suscetíveis a apresentar disfunções comportamentais e emocionais, o que as deixam mais vulneráveis para se desenvolver de forma não saudável.

Em *História social da criança e da família*, de Philippe Ariés (1981), o autor traz um panorama de como a criança era compreendida na Idade Média, a mesma era vista como um pequeno adulto e não possuía uma distinção entre eles. Nessa época, não se tinha a consciência de que na infância a criança passa por diversas mudanças comportamentais, cognitivas, emocionais e sociais. Segundo Costa (2010), é possível observar no século XX uma preocupação mais ampla e sistemática com o estudo da criança e a necessidade de uma educação mais formal, moldando assim, os padrões tidos antes acerca da infância.

Para uma criança, especialmente na segunda infância, dos 3 aos 6 anos, fase em que, de acordo com Papalia e Feldman (2013), está em processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e psíquico, é extremamente difícil de entender o que é a morte e passar pela vivência do luto, visto que esse é o período da vida em que a criança mais sente necessidade da presença dos pais. Bowlby desenvolveu a Teoria do Apego, este afirma que o apego se trata de uma função primária e biológica desenvolvida por todos, primordialmente na infância, onde a criança busca conforto e segurança. O teórico ainda salienta a importância deste vínculo, estabelecido pela criança com um indivíduo que ocupa a função materna ou paterna, e como este afeta significativamente o seu desenvolvimento, positivamente ou não (Padilha, 2020).

A ideia de infância é diretamente relacionada à ideia de família, ou seja, as mudanças referentes à concepção de criança interligam-se significativamente nas mudanças da família (Furlan, 2020). Lane e Codo (1984, p.99) dizem que, “[...] para alguns, a família é a base da sociedade e garantia de uma vida social equilibrada, célula sagrada que deve ser mantida intocável a qualquer custo”. Partindo deste conceito, entende-se que quaisquer pessoas que façam parte de uma família

permanecerão ali, porém, inevitavelmente, podem ocorrer acontecimentos que abalem essa estrutura familiar.

Algo inevitável ao ser humano é a morte, que ainda hoje se configura como um assunto temido, evitado e ignorado pelas pessoas, é pouco citado em conversas cotidianas e amigáveis, e principalmente em ciclos familiares, é muitas vezes tido como algo que é proibido. Com isso, pouco se conversa sobre como perder alguém é difícil, inevitável e irreversível, além de que, biologicamente, o corpo e a mente tendem a sentir os impactos dessa perda.

Pessoas que passam pelo processo do luto podem desenvolver crises de ansiedade e a chamada "síndrome do coração partido", uma patologia que deixa o coração mais fraco e é bastante vista em pessoas que estão vivenciando as fases do luto. De acordo com Elisabeth Kübler-Ross (2017), existem cinco fases de luto, sendo elas: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. As fases do luto foram descritas por diversos autores com a intenção de caracterizar esse processo vivenciado por um indivíduo que perdeu alguém. Falar sobre a morte é algo doloroso e são sentimentos difíceis de expressar, porém, não falar sobre a dor não quer dizer que a mesma não esteja ali.

Nesses momentos, é comum ver famílias que, muitas vezes, decidem não contar para a criança sobre o que está ocorrendo e não deixam a mesma comparecer ao velório e/ou ao sepultamento. Com a falta de diálogo, é provável que a criança se sinta perdida sobre o que esteja acontecendo, não sabendo lidar com suas emoções e sendo impossibilitada de vivenciar o luto (Cavalcanti; Samczuk; Bofim, 2013).

Bromberg (1998), diz que o significado de morte dado pela criança varia de acordo com alguns fatores, entre eles: a idade e o grau de desenvolvimento psicológico da criança, o vínculo que tinha com a pessoa ou o objeto perdido, e como o adulto com quem convive lida com a perda.

Este trabalho tem como pergunta pesquisa o seguinte questionamento, qual a importância da psicoterapia infantil para crianças na segunda infância que vivenciam o luto de seus pais? Tem-se como hipótese de que para uma criança na segunda infância, elaborar o luto, ou seja, compreender a morte, principalmente se tratando de seus pais, se torna difícil, pois esta é a fase em que a criança possui a família como sua principal base afetiva e protetiva. A psicoterapia infantil visa em sua totalidade auxiliar crianças a lidar com possíveis obstáculos em seu desenvolvimento, neste caso a morte dos pais, já que a morte se configura como um potencial estressor para a

criança. Além disto, com a falta de diálogo sobre o acontecimento, a criança tende a não estabelecer novos vínculos afetivos por medo de perdê-los, criando assim, um obstáculo em seu desenvolvimento.

O tema em questão, vivenciar o luto na infância, foi um interesse compartilhado por quem compõe o grupo, o universo da Psicologia infantil é algo almejado por todas as partes, a segunda infância foi escolhida por se tratar de uma faixa etária intermediária em relação à infância em sua totalidade e também por se tratar da fase onde as crianças estão começando a obter o entendimento e controle de suas emoções e compreensão de si. Além disso a tanatologia também foi uma disciplina desejada na graduação e é um campo de estudo de uma das componentes, sendo assim foi acordado juntar ambos assuntos e aplicá-los na Psicologia.

Este estudo se justifica, pois é relevante falar acerca das implicações que vivenciar o luto trás para a criança, quais as consequências de a mesma passar por esta fase sem o acompanhamento Psicológico e o auxílio necessário, uma vez que se trata de um assunto pouco visto e falado, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito acadêmico. Contudo, faz-se indispensável essa discussão, tendo em vista informar e desmistificar acerca do vivenciar o luto na infância.

Com a presente pesquisa, aqueles que possuem interesse pelo processo do luto na infância poderão se informar, conhecer sobre o tema proposto e, assim, poder abordar e manejar o assunto quando necessário. Além de que com estudos e pesquisas referentes à importância da psicoterapia infantil, a classe acadêmica e profissional terão mais base teórica para qualificar a escuta e mais estudos científicos, para formular possíveis intervenções.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo método utilizado foi a revisão sistemática de literatura, que é um tipo de metodologia que avalia outros trabalhos semelhantes já publicados de forma sistemática (Brizola; Fantin, 2016). A base de dados utilizada foram os sites Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Google Acadêmico e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com o uso dos seguintes descritores: luto, morte, desenvolvimento infantil, pais e psicoterapia.

Em relação ao andamento da pesquisa, ela se iniciou a partir da compreensão de como se dá o desenvolvimento saudável na infância, através da Teoria do Apego de Bowlby, como a morte e o processo do luto são entendidos na atualidade, o que é e quais as configurações familiares no contexto atual e por fim, como surgiu e o que

é a Psicologia infantil. Após isto será apresentado os resultados e discussões desta pesquisa através dos artigos selecionados, que visam contemplar este estudo e responder à pergunta de pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Entender qual a importância da psicoterapia infantil para crianças na segunda infância que vivenciam o luto de seus pais.

2.2 Objetivos específicos

1. Compreender como a morte e o luto são entendidos na segunda infância;
2. Entender quais as principais composições familiares atualmente;
3. Explicar como a psicoterapia infantil atua frente aos casos de luto.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Desenvolvimento infantil

A infância é a maior fase de aprendizado de toda a vida. De acordo com Papalia e Feldman (2013), a infância é dividida em três fases, a primeira, do nascimento aos três anos, nesses primeiros anos de vida, a cognição, os sentidos, o crescimento físico e o desenvolvimento das habilidades motoras estão em rápida evolução.

A segunda infância, dos três aos seis anos, o crescimento ainda é constante, a memória e a linguagem começam a ser desenvolvidas mais minuciosamente, e, em termos psicossociais, a família ainda é o foco principal das crianças. Porém, estão desenvolvendo a independência e outras crianças também se tornam importante, além disso, as emoções começam a serem percebidas e o autocontrole está em construção. Existem muitos marcos do desenvolvimento da criança na segunda infância, o mais importante deles é a identificação e o controle de seus sentimentos e emoções, a partir do fim do terceiro ano de vida, a criança tende a perceber as emoções autodirigidas, ou seja, relacionadas a ela, com orgulho, vergonha e/ou culpa, e se confundem com as emoções conflitantes, que acontecem quando a criança sente alegria e tristeza pelo mesmo objeto ou pessoa. O desenvolvimento da percepção das emoções é importante, pois isso só acontece depois que as crianças adquirem consciência de si mesmas (Papalia e Feldman, 2013).

E por fim, a terceira infância, dos seis aos onze anos, nesta fase, o crescimento é mais lento, a força física aumenta, as crianças possuem um desenvolvimento lógico mais avançado e, como consequência, começam a se posicionar socialmente. As autoras também pontuam a importância do brincar para o desenvolvimento da criança:

O brincar contribui para todos os domínios do desenvolvimento. Por meio dele, as crianças estimulam os sentidos, exercitam os músculos, coordenam a visão com o movimento, obtêm domínio sobre seus corpos, tomam decisões e adquirem novas habilidades. (Papalia e Feldman, 2013, p. 296).

Bee (2017) afirmou que crianças no início da segunda infância começam a desenvolver uma gama de atividades motoras e que ao decorrer desta fase as atividades se tornam cada vez mais elaboradas. Nesta fase também é percebido o aumento do controle corporal e em consequência disto a criança desenvolve com mais

facilidade suas necessidades pessoais e as interações sociais, pontos importantíssimos para a contribuição do desenvolvimento da memória e inteligência (Papalia; Olds; Feldman, 2006).

Edward John Mostyn Bowlby foi um Psicólogo, Psiquiatra e Psicanalista britânico, conhecido pelo seu interesse em desenvolvimento infantil e pelo seu trabalho a respeito da teoria do Apego. Bowlby (2004) fala que o apego surge a partir da necessidade de sentir-se seguro, que é desenvolvida no início da vida, tendo assim, correlação com a sobrevivência.

O teórico afirma que o apego se trata de um vínculo no qual o senso de segurança de alguém, neste caso a criança, está estreitamente e diretamente ligada à uma figura de apego, que é escolhida pela própria criança. Neste relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto que são experimentados pela criança na presença desta figura, permitem que este seja usado como uma "base segura", e assim poderá se explorar o resto do mundo (Ramires; Schneider, 2010).

Ao nascer, o bebê se vê em situação de desamparo e instintivamente escolhe um objeto de apego que normalmente é a mãe, devido ou não à relação com o seio. Assim, até o fim da primeira infância, a criança já estabeleceu uma relação de apego com pelo menos um de seus cuidadores. Na segunda infância, esse apego segue sendo tão forte quanto na fase anterior e esta é a forma que a criança tende a se sentir segura (Boyd; Bee, 2011). " Isso se explica pois, ao virem ao mundo em uma condição de extrema vulnerabilidade fisiológica, os bebês dependem de alguém que lhes forneça os cuidados essenciais para garantir sua sobrevivência " (Gomes, 2011, p.13).

De acordo com Mendes e Rocha (2019), a teoria do apego de Bowlby seria estruturado através das representações mentais da pessoa e de suas figuras de apego:

A busca de segurança é a principal motivação da construção de vínculos. Os comportamentos de apego se desenvolvem ao longo da vida na relação com o cuidador principal – não necessariamente a mãe, mas aquela que Bowlby denominou figura materna. Com a experiência, o cuidador reconhece os comportamentos de busca de proximidade por parte do bebê e responde a eles. (Franco, 2021, p.72)

Em relação ao cuidador principal, pode-se citar a linha de pensamento que a Psicanálise traz, nela são chamados de funções materna e paterna. De acordo com Borges (2005), " são funções consideradas necessárias para a estruturação e o

desenvolvimento do psiquismo da criança”, e elas podem ser desempenhadas por aqueles que estão mais perto afetivamente da criança. A autora ainda ressalta que essas funções vão além dos papéis de pai e mãe, contudo, são formuladas a partir dos sentimentos, atitudes, comportamentos e desejo do adulto para a criança. Assim, é a criança quem define, a partir dessas relações, o indivíduo que ocupa a função materna e/ou paterna em sua vida.

Partindo desta explicação, ao pensar em crianças, logo é imaginado o contexto em que ela está inserida, e em qual âmbito familiar ela pertence, pois, como visto, as crianças possuem a necessidade de uma figura de apego, não somente pelo emocional, mas também fisiologicamente em relação a sobrevivência.

3.2 Família e suas configurações

A família é um elemento ativo, nunca permanece estacionada e está em constante mudança na medida em que a sociedade evolui, pois, a família é uma estruturação social (Engels, 1984). De acordo com a cultura de um determinado local, existem diversas variações de família quanto a sua formação, porém, a instituição família é universal, ou seja, ela é independente de uma configuração ou construção (Schaefer, 2006).

O Observatório Nacional Da Família, publicou em 2023, a edição *Fatos e Números*, com o enfoque em discutir sobre os Arranjos Familiares no Brasil, que a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) trouxe os principais dados acerca das mudanças nas composições familiares brasileiras dos últimos 25 anos. Com o estudo foi possível perceber o aumento de mulheres chefes de famílias compostas por casais e que 16,3% dos arranjos familiares são compostos por mulheres sem cônjuge e com filhos. Por fim, é ressaltado que a composição familiar predominante é composta por um casal com filhos (Fatos e Números, 2023).

De acordo com Giddens (2012), existem dois principais tipos de famílias, a família nuclear composta por dois adultos que vivem juntos com seus filhos próprios ou adotivos, e a família ampliada que para além disso é composta por avós, tios, sobrinho. Já no livro *Dicionário de Direito de Família e Sucessões*, ditado pelo advogado Rodrigo da Cunha Pereira, presidente nacional do Instituto Brasileiro de

Direito de Família (IBDFAM) publicado em 2023, conceitua mais de trinta modelos de família.

Em Sociologia, Jon Witt (2016) retrata que a família é caracterizada como uma definição substantiva, que possui uma dualidade no significado, primeiramente o laço sanguíneo, que quer dizer aquelas pessoas que são ligadas por herança genética, e a afinidade que significa o vínculo afetivo estabelecido com pessoas das quais possuem ou não os laços consanguíneos, mas são consideradas parte da família.

Biroli (2014) afirmou que a noção de família geralmente está profundamente e diretamente ligada ao afeto e aos sentimentos, de diferentes formas, tipos e laços, sendo eles consanguíneos ou não. A autora ainda salienta que as experiências que temos das relações familiares são singulares, íntimas e fundamentais para percepção de quem somos, isto é, para as nossas identidades.

Com isso, entende-se que apesar da família ser uma instituição universal, ela não possui apenas um modelo e não é composta por apenas um determinado grupo de pessoas, os membros da família se unem pelo sentimento (Aries, 1981).

É por este sentimento que a família se liga através dos laços afetivos, estes se tornam fortes a medida em que se relacionam e convivem, porém, é válido salientar que podem ocorrer fatos em que esses laços podem ser rompidos de forma abrupta, tais como a morte, algo natural e que ocorre a todos os seres humanos de forma inevitável.

3.3 Morte e os processos do luto

Ao longo da história, o conceito de morte e morrer, propriamente dito, tiveram diversas modificações e significados atribuídos a si, mas até hoje, a morte tende a ser vista como algo que deve ser temido, principalmente na nossa cultura. De acordo com Kovács (1992), durante a era medieval predominava a chamada morte domada, os homens da época eram extremamente atentos aos sinais do corpo, por causa das guerras e doenças, eles já conheciam a trajetória da morte, assim, ela era esperada no leito, e o maior medo era morrer repentinamente. No cenário atual, a morte tem sido encarada como algo temeroso, deixando de constituir um fenômeno natural vivenciado por todos e principalmente no âmbito familiar (Duarte, Almeida, Popim, 2015).

Ainda em Kovács (1992), a autora traz alguns conceitos de morte, em termos de função, a morte se caracteriza como a interrupção definitiva das funções vitais (pressão arterial, temperatura, frequência respiratória e cardíaca) de um ser vivo. De acordo com a bioquímica, a morte se configura como uma escassez de regeneração, e pelo ponto de vista da morte clínica, esta corresponde a um estado onde todos os sinais de vida (consciência, reflexos, batimentos cardíacos) estão suspensos.

Tem-se todos os dias centenas de notícias sobre morte, seja no bairro ao lado ou de pessoas que vivem no outro lado do mundo, tudo isso devido ao avanço da tecnologia, e mesmo assim, é difícil se ver alguém questionar acerca do que fazer diante de uma morte ou do luto. Além disso, nos dias atuais, mais do que nunca, existem diversos tipos de aparelhos, máquinas e tratamentos que prolongam a vida, numa tentativa de adiar a morte. Então, ao mesmo tempo em que é condenada, a morte torna-se companheira cotidiana, invasora e sem limites, e embora tão próximas das pessoas, as mesmas criam uma barreira de silêncio sobre ela (Kovács, 2021).

O medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte e alcança todos os seres humanos sem exceção, porém pela falta de diálogo, na maioria das vezes há uma dificuldade em falar sobre a dor da perda e a de processar esse sofrimento, sem dar espaço para se elaborar o luto, com isso, as pessoas tendem a viver por muito tempo num ciclo de sentimentos angustiantes por causa de um luto não vivenciado (Santos *et al.*, 2022).

É difícil conhecer alguém que não tenha perdido algum parente próximo, conhecidos ou até mesmo animais, a perda é algo comum da vida, perde-se o horário de um compromisso, uma caneta, uma roupa que não cabe mais, e assim, sucessivamente, aumentando o grau de importância que aquele objeto ou pessoa tenha para alguém, sempre se perde algo (Cavalcanti; Samczuk; Bofim, 2013).

Em *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916), Freud (1915), no capítulo referente a Luto e Melancolia, traz que o luto pode ser um processo lento e doloroso, não é patológico, mas deve ser respeitado e jamais perturbado, além de possuir características como tristeza e o afastamento de atividades das quais costumava sentir prazer, segundo o autor, a pessoa enlutada tende a procurar por atividades correlacionadas ao objeto perdido e pode perder o interesse no mundo externo. Para ele, luto é a reação à perda de um ente querido ou a perda de uma imagem irreal ligada ao mesmo.

Willam Worden foi um médico especialista em saúde mental, em seu livro *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto* (2013), define o luto como um processo comum resultante da perda de um objeto de apego que produz sentimentos e comportamentos em relação com o objeto perdido.

Elizabeth Kübler-Ross foi uma Psiquiatra, natural da Suíça, que mudou a forma como o ocidente observava e entendia a morte, a autora traz em seu livro *Sobre a Morte e Morrer* que aqueles que perdem alguém passam pelas fases do luto, de acordo com ela, existem cinco, que são: negação e isolamento, caracterizando um tipo de defesa psíquica na qual a pessoa enlutada tende a negar o acontecimento, tenta não entrar em contato com a realidade e prefere rejeitar o assunto. A segunda fase é a raiva, onde o sentimento de revolta surge tanto com o mundo quanto com as pessoas a sua volta, o indivíduo se sente injustiçado e não se conforma em ter perdido alguém (Kübler-Ross, 2017).

A terceira, barganha ou fase da negociação, através dela o indivíduo busca soluções que possam diminuir sua dor, por isso, o nome "barganha", muitos nessa fase fazem promessas com as divindades em quem creem na tentativa de negociar uma possível volta do que foi perdido. A quarta fase é a depressão, quando a revolta com o mundo se intensifica, e o enlutado tende a entrar em isolamento pelo sentimento de impotência e angústia, esta é a fase mais duradoura do processo. A quinta e última fase citada é a aceitação, caracterizada pelo momento em que o indivíduo consegue enxergar a realidade da perda e aceitá-la, com isso, tende a sentir um pouco de paz e tende a ter condições de organizar a sua vida além da perda (Kübler-Ross, 2017).

Bowlby (2004) também fala a respeito das fases do luto, para o autor, existem quatro fases para chegar no processo de aceitação, que são: primeira fase, entorpecimento, ocorre quando o indivíduo não aceita a perda e não sabe como agir nessa realidade indesejada. A segunda fase é a do anseio, a pessoa enlutada tende a procurar a pessoa perdida e nega o fato dela ter partido.

A terceira fase é o desespero, quando se descobre que a perda foi permanente, o enlutado tende a sentir sentimentos de tristeza e angústia, e em muitos casos, notam-se comportamentos depressivos em indivíduos nessa fase. Por último, a fase da reorganização, o enlutado consegue aceitar a perda e, aos poucos, volta a sua rotina se adaptando a essa nova realidade, porém, isso requer tempo, e não possui uma quantidade específica. O autor ainda ressalta que "A perda de uma pessoa

amada dá origem não só ao desejo intenso de reunião, mas também a raiva da sua partida [...]” (Bowlby, 2004, 30).

Seguindo a linha teórica do Apego, a perda de pessoas com quem se mantinham vínculos afetivos representa dor e ameaça para esta que ficou, com isso o ser humano tende a entrar em estado de desconforto e insegurança o que leva o indivíduo a um estado de desorganização, para isto é preciso procurar ajuda familiar e profissional (Nascimento et al, 2006).

3.4 Psicoterapia infantil

Segundo Ribeiro (2013), a história da psicoterapia tem por certo percorrido um longo e complexo caminho, o modelo de teoria e técnicas psicoterápicas tem uma natureza, um objeto, um campo de ação e métodos bem definidos. O cliente irá experienciar situações passadas, presentes e futuras, de modo a procurar compreendê-las através da vivência no presente, convivendo assim, com suas emoções, fantasias e sentimentos, por quanto tentando encontrar novas saídas para seu modo de estar no mundo, como um todo.

De acordo com Angerani-Camon (2002), o objetivo da psicoterapia consiste em ampliar a visão perceptiva do paciente, de modo que ele possa ter uma concepção de mundo mais abrangente e repleta de diversas possibilidades. Pinto (2016) afirmou que a psicoterapia é como um encontro de duas pessoas, terapeuta e cliente, com o propósito de compreender a vida vivida do cliente, visando assim, facilitar a recuperação, vivacidade, o ritmo e a abertura do cliente para a vida. Ainda segundo o autor a psicoterapia irá consistir em um procedimento dialético, que consiste em falar sobre algo e dialógico, uma conversa interativa entre o cliente e o terapeuta, sendo um processo de diálogo entre interlocutores comprometidos profundamente com a busca da melhor configuração para o processo deste.

De acordo com Costa (2010), houve um tempo que não se tinha uma concepção da infância tal qual a compreendemos, ou seja, como sendo um ser singular, com uma particularidade que a diferencia do adulto, todavia pode-se considerar que a análise com crianças irá começar com o caso do pequeno Hans, que foi publicado por Freud em 1909. A autora ainda retrata que entre 1920 e 1940, veio a ocorrer o verdadeiro nascimento e desenvolvimento da Psicanálise com crianças, partindo das pesquisas das analistas: Hermine Von Hug-Hellmuth, Anna Freud e Melanie Klein.

Aguiar (2014) enfatiza a contribuição do caso de Hans para o desenvolvimento da Psicanálise de crianças, a ideia de que as crianças poderiam ser afetadas por aquilo a qual os adultos faziam ou falavam era extremamente nova, de forma que eram vistas como aqueles que “não entendem” ou até mesmo “não estão prestando atenção”. Contudo Freud assinala algo com o qual veio a ser de fundamental importância na inauguração de uma proposta clínica com crianças, em que o brincar se configura como possibilidade de expressão e na elaboração de frustrações e conflitos (Aguiar, 2014).

Segundo Brito et al. (2020), a psicoterapia infantil conceitua-se como uma intervenção que irá visar atender o público com questões diversas, que possam causar estresse emocional e interfiram no dia a dia da criança. Dessa forma, o processo psicoterapêutico da criança também irá envolver múltiplos fatores, bem como a participação da família e da escola, as relações estabelecidas pela criança e a sua experiência vivida:

A criança, por sua vez, está em processo de construção da sua identidade. Embora ainda não haja a predominância de uma maneira de ser no mundo, muitas características já se anunciam. Quando começa a apresentar sinais frequentes de desajuste-distúrbios de sono/alimentação, choro sucessivo sem motivo aparente, medos intensos, desenvolvimento psicomotor e cognitivo defasado da idade cronológica, ansiedade de separação escolar, dificuldade de socialização com os colegas ou com os adultos, problemas de aprendizagem etc., é hora de os pais procurarem ajuda profissional. (Frazão; Fukumitsu, 2016, p. 49, p. 50).

O atendimento com crianças terá suas especificidades, que irá consistir em um ambiente acolhedor, seguro e que não se distancie do Universo infantil, “As técnicas expressivas, divertidas e a leitura de livros infantis compõem a essência do trabalho terapêutico com crianças” (Antony; Zanela, 2020, p. 12). Na perspectiva de Aristides Volpato Cordioli e Eugênio Horacio Grevet (2019), a criança está em um constante desenvolvimento e em uma grande dependência física e emocional dos progenitores, e quanto mais jovem for a criança e mais complexo se der o seu quadro clínico, mais será considerada necessária e valorizada a inclusão dos pais no processo terapêutico.

Ainda segundo Cordioli e Grevet (2019), geralmente, os atendimentos aos pais são realizados em horários distintos daqueles em que foram destinados ao atendimento da criança. Uma diferença singular em relação ao terapeuta de adultos é que o terapeuta de crianças costuma envolver outros profissionais como: Pediatra, Psicopedagogo e ou instituições como: Conselho Tutelar, escola e/ou abrigos no Processo Psicoterapêutico. Por vezes se designa como função do terapeuta reunir

estes profissionais em seu consultório ou até mesmo ir a eles de modo a minimizar dissociações da equipe e para estimular um trabalho uniforme e coeso. Os autores ainda ressaltam que a psicoterapia com crianças e sua psicodinâmica apresenta-se com diferenças acerca de técnicas em relação à psicoterapia de adultos, tendo por principal delas o uso de jogos, brincadeiras e desenhos como um meio de comunicação.

Todavia, as ferramentas fundamentais continuam sendo o pensamento e os afetos, de forma que o *setting* terapêutico deve ter condições para funcionar de modo que seja como um palco aberto e livre no qual a imaginação da criança e o faz de conta possam se expressar sem restrições, permitindo assim, a revelação de seus pensamentos mais íntimos e de seus sentimentos (Cordioli; Grevet, 2019).

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

As pesquisas em saúde são os maiores exemplos de pesquisa e aplicação do mundo. Na maioria dos casos, as pesquisas científicas têm como propósito a utilização e aplicação de forma social, ou seja, elas são publicadas para conhecimento e aplicação de forma pública. Porém, as pesquisas em saúde se destacam, pois seus interesses refletem em todos os momentos as suas aplicações em prática, nesse sentido, as pesquisas em saúde além de refletir sobre o cenário atual de saúde de uma região, trazem soluções que possam ser utilizadas pelos setores públicos (Guimarães, 2006).

De modo geral, a importância da pesquisa científica para o mundo inicia desde a forma como ela se desenvolve. A pesquisa científica utiliza de metodologias e técnicas para obterem seus resultados sobre um determinado tema pesquisado. Nesse contexto, a importância da pesquisa científica começa na sua seriedade sobre os dados, em que as metodologias e técnicas utilizadas são expostas e explicadas de uma forma que o leitor compreenda o passo a passo do seu desenvolvimento (Vilaça, 2010).

Se tratando das técnicas e metodologias empregadas neste estudo, a presente pesquisa possui abordagem qualitativa. Nesse sentido, questões numéricas não possuem tanto espaço, dando mais ênfase quando o assunto é a exploração do tema. Logo, para a abordagem qualitativa de pesquisa “um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (Godoy, 1995, p. 21).

Através da pesquisa de abordagem qualitativa, o pesquisador busca assim analisar sua dinâmica, forma, influência e outros pontos importantes. Além da abordagem qualitativa, a presente pesquisa possui como metodologia a revisão sistemática de literatura. Marconi e Lakatos (2003) descrevem atentamente o que seria uma revisão de literatura ou pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que

tenham sido transcritos por alguma forma, querem publicadas, quer gravadas. (p. 183).

Sendo assim, os estudos de revisão de literatura são estudos onde o diferencial está exatamente em buscar as lacunas presentes nos estudos já publicados, e através disso, transformar essas lacunas em novos conhecimentos científicos, trazendo um novo olhar para aquele determinado assunto. A revisão sistemática de literatura, que foi a metodologia adotada neste estudo, possui o mesmo objetivo das revisões de literatura de forma geral, que seria “reunir, avaliar criticamente e conduzir uma síntese dos resultados de múltiplos estudos primários” (Cordeiro et al., 2007, p. 429).

A revisão sistemática de literatura tem um rigor de pesquisa delimitado, em que todas as técnicas e modelos aplicados são bem estruturados e precisos, ou seja, não possui espaço para possíveis aberturas. De acordo com Cordeiro et al. (2007), a revisão sistemática de literatura é:

[...] objetiva responder a uma pergunta claramente formulada, utilizando métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar as pesquisas relevantes, coletar e analisar dados de estudos incluídos na revisão. [...] Nas revisões sistemáticas os “sujeitos” da investigação são os estudos primários (unidades de análise) selecionados por meio de método sistemático e pré-definido (p. 429).

Assim, o presente estudo buscou qual a importância da psicoterapia infantil para crianças na segunda infância que vivenciam o luto de seus pais, para isso, foram utilizados pesquisas e artigos das seguintes organizações: bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Google Acadêmico e Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para essa apuração, foram escolhidos de acordo com a base de dados das Ciências da BVS, os seguintes descritores: luto, morte, desenvolvimento infantil, pais e psicoterapia.

Como critérios de inclusão (CI), buscaram-se artigos que estivessem dentro das seguintes posições:

- CI-1. Artigos tendo como modelo de trabalho acadêmico revisão sistemática de bibliografia.
- CI-2. Artigos cujo ano de produção e publicação esteja entre 2013 até 2023.
- CI-3. Artigos em língua portuguesa.

- CI-4. Trabalhos que estiverem dentro do tema proposto.

Como critério de exclusão (CE), foram retirados materiais que estivessem nas seguintes posições:

- CE-1. Trabalhos acadêmicos que não fossem artigos científicos.
 - CE-2. Trabalhos que estivessem fora da margem dos anos estabelecidos, entre 2013 até 2023.
- CE-3. Trabalhos com acesso mediante a pagamento.
- CE-4. Estudos que não estivessem dentro do tema proposto.
- CE-5. Trabalhos em outras línguas.
- CE-6. Estudos não encontrados em meios eletrônicos.

Como última opção de eliminação dos estudos, foram lidos os resumos e introduções dos trabalhos selecionados para entender se poderiam ser utilizados ou não dentro da perspectiva que o tema da presente pesquisa exige.

No início das pesquisas, foram encontrados 816 resultados, destes;

- Com a utilização dos CE-1, CE-2, CE-3, CE-5 e CE-6 ficaram apenas 116 artigos.
 - Com o auxílio do CE-4, foram lidos os temas dos determinados trabalhos, obtendo um total de 34 artigos.
- Com a utilização de todos os CI, restaram 14 artigos.
 - Por fim, com a leitura dos resumos e introduções, restaram 7.

<p>Borstama n, R. S.; Breunig, Y.; Macedo, M. L. W. S., 2018.</p>		<p>Psicoterapi Entender As autoras Concluiu-se que</p>	<p>a infantil: como a afirmam que o a psicoterapia perdas, psicoterapia luto deve ser infantil se luto e infantil lida compreendido mostra como ajustamentcom casos de como um importante no o criativo luto através processo e não processo de elaborados do brincar. como um elaboração do no brincar. estado, elas luto da criança,</p> <p>estabelecer uma conseguir</p> <p>querido.</p> <p>Luto: os Compreender Os autores Concluiu-se que</p>		<p>ainda ressaltam pois nesta, que utilizar o através dos material lúdico é recursos lúdicos uma grande auxiliam a ferramenta para criança a</p> <p>relação manifestar seus terapêutica com sentimentos e a criança, e com ainda achar isto, esta tende caminhos para a sentir-se mais recriar e confortável para modificar sua expressar seus vida, agora, sem sentimentos. o seu ente</p>
<p>Santos, J, A L, F; Muner, L, C., 2020.</p>		<p>aspectos como é afirmam que o a criança ao psicológicovivenciado o luto na infância e vivenciar o luto s da processo de é semelhante ao possui suas criança na luto e seus dos adultos, próprias segunda aspectos quando não se características e infância psicológicos trata de um luto elabora o luto de em seu na segunda patológico, e forma singular. processo. infância. citam que uma E que assim</p> <p>apoio e os de uma forma. sentimentos de saúde e tristeza.</p>			<p>característica como os similar entre os adultos, o luto dois lutos, seria na infância é a necessidade subjetivo, cada de conforto e criança vivencia</p>

<p>Oliveira, D. A P., et al., 2020.</p>		<p>A criança e Compreender As autoras Concluiu-se que a morte: o sofrimento trazem a se a criança não um estudo psíquico da importância do for estimulada a acerca do criança em lúdico como expressar de lúdico no situações de instrumento forma saudável processo perdas e a terapêutico para os sentimentos do luto importância ajudar a criança da perda, o não infantil. da busca por a compreender dito pode surgir recursos o luto, as em forma de terapêuticos. mesmas sintomas e de afirmam que a adoecimento,</p>			<p>utilização deste além disso, recurso oferece chegou-se à uma via de conclusão que a manifestação com crianças e angústias assume um criança. benéfico, pois se prioriza o cuidado e</p>
<p>Filgueira, TCC M. C. G., 2021.</p>		<p>Morte e Compreender A autora Concluiu-se que luto na qual o papel discorre que a o diálogo entre infância: o da família criança ao os responsáveis papel da frente a passar pelo e a criança, família na elaboração processo do luto estabelecido de elaboração do luto tem dificuldade forma do luto Infantil. para se adequada, é de infantil. comunicar, e é suma de suma importância.</p>	<p>se atentem para psicoterapia</p>		<p>importância que Além disso foi os responsáveis visto que a a que seja Infantil e esclarecido a recursos lúdicos criança sobre o auxiliam de ocorrido de forma positiva a forma clara e criança no seu numa linguagem processo de acessível. elaboração do luto.</p>

<p>Santana, A K. C., 2022.</p>		<p>O vivenciar Discutir sobre A autora afirma Concluiu-se que</p>	<p>o luto na a importância que ao ocultar pensar que a infância. de a criança informações, a criança não</p>	<p>participar dos criança fica sofre com a rituais impedida de perda tanto fúnebres. participar quanto os plenamente dos adultos é um acontecimentos grande erro, relacionados à além de que é</p> <p>o inclui-la em tudo processo da relacionado a elaboração do perda e luto e do contar a verdade reconhecimento sobre os fatos da realidade para que assim ficam ela possa dificultados. elaborar o luto de forma</p> <p>saudável.</p> <p>Morte e Compreender As autoras Concluiu-se que</p>
<p>Sena, N. A G.; Oliveira, D. P.; Alencar, C. C., 2023.</p>		<p>perdas na a expressão apresentam que quando a infância: do Luto de o processo do criança expressão uma criança luto para uma consegue do luto em após a morte criança pode compreender o uma de um consistir em que sente, criança familiar, na múltiplas através da ajuda que qual possuía emoções que ao dos familiares e vivenciou a vínculo se misturarem profissionais da perda de afetivo. podem causar saúde, esta um instabilidade tende a lidar familiar. emocional, melhor com a vindo a gerar instabilidade</p> <p>principalmente se tratando da morte de um familiar com quem a criança possui um vínculo afetivo.</p> <p>Fonte: Autoria própria, 2023.</p>		<p>vários emocional e sua sentimentos grande dor de conflituosos, forma saudável.</p>

Tipos de Arquivos:

A= Artigos.

TCC= Trabalho de Conclusão de Curso.

A seguir serão discutidos e analisados os resultados acima citados e percorridos em relação com as pesquisas apresentadas no referencial teórico, afim de discernir sobre o tema proposto. Para que isto ocorra, será utilizado sub tópicos para elucidar melhor as discussões com a seguinte ordem: (5.1) Compreensão de morte na infância; (5.2) Elaboração do luto na infância; (5.3) Implicações do luto; (5.4) O papel da psicoterapia no luto infantil.

5.1 Compreensão de morte na infância

Leandro e Freitas (2015) afirmam que a morte se trata de um rompimento de vínculos afetivos e que lidar com ela pode se tornar um grande desafio, principalmente se tratando de crianças, pois acarreta um alto índice de desorganização mental. Ainda segundo os autores, crianças até o começo da terceira infância não compreendem o real significado da morte acreditando a mesma possa ser reversível.

As autoras ainda ressaltam que a perda dos pais se configura como a maior crise da vida de uma criança, pois são neles que ela enxerga a sua segurança de sobrevivência tanto física, quanto emocional e psíquica, com isso vivenciar a morte deste torna-se algo extremamente difícil e doloroso para a criança.

Santos e Muner (2020) enfatizam que por mais que a criança não entenda o verdadeiro significado da morte, elas sentem e sofrem pela perda de alguém com quem mantinha laços afetivos, e afirmam que a perda de um dos pais ou algum familiar próximo tende a impactar negativamente em seu desenvolvimento, pois a família é a fonte de segurança e proteção para criança, principalmente se tratando de uma que está na segunda infância, pois é neste período em que ocorre a compreensão e regulação das emoções, como também o desenvolvimento psicossocial e senso de identidade.

Oliveira et al (2020) afirmam que quando se refere ao público infantil falar sobre a morte se torna mais complicado, visto que há um estigma de que a criança não compreende este fenômeno natural e cotidiano do ser humano. A autora continua dizendo que a criança possui o seu próprio modo de entender a morte desde o início

da infância e que essa compreensão irá variar de acordo com os recursos e nível de desenvolvimento.

Santana (2022) ressalta que vivenciar a morte de um dos genitores se configura como um potencial estressor para criança, pois não possui mais o seu provedor de segurança, com isso a criança tende a se sentir desamparada, impotente e perdida, em consequência disso sua segurança e sobrevivência emocional ocupam um lugar de risco.

Com o auxílio dos trabalhos selecionados foi possível notar que as crianças, muitas vezes, são descredibilizadas quando se tratam de questões sobre a compreensão e o entendimento de determinados assuntos, e ainda sobre seus próprios sentimentos. Para crianças mais novas esse fator se agrava em relação a morte, pois se torna mais comum que os familiares desacreditem que a criança entenderá sobre este fenômeno e, muito menos que sofrera com a perda.

É válido salientar que crianças na segunda infância estão desenvolvendo suas emoções, memória e linguagem, e está é uma fase crucial para a construção dessas bases que se caracterizam por um processo gradativo e demandam o auxílio dos pais, já que é neles que a criança direciona o seu aprendizado.

A partir do que foi apresentado é possível perceber que ao longo dos anos apenas se confirmou o fato de que, a compreensão de morte para criança varia de acordo com o seu desenvolvimento biopsicossocial, e que por mais que não entenda o real significado de morte, a criança sofre e sente a perda. É válido ressaltar que é de extrema importância que haja um adulto para esclarecê-la sobre o ocorrido e que dê o nível de suporte demandado por esta.

5.2 Elaboração do luto na infância

Torres, 1999 apud Leandro e Freitas, 2015, aponta que é após um pensamento cognitivo concreto que a criança consegue compreender a irreversibilidade da morte, ou seja, sem a capacidade de compreender a morte como um fato irreversível o processo da elaboração da perda se torna mais difícil. As autoras finalizam discorrendo que o processo do luto não é algo que acontece rapidamente e nem de maneira fácil, pois depende de uma elaboração que é algo complexo e que ocasiona diversos sentimentos, no que diz respeito a uma criança, isto se torna difícil e duradouro para a mesma, já que se desvincular de quem se ama é muito doloroso.

Borstmann, Breunig e Macedo (2018) afirmam que o luto é vivenciado de forma única e particular de acordo com cada pessoa, de acordo com o vínculo e apego que possuía com a pessoa falecida, e enfatizam que é de extrema importância que a pessoa enlutada tenha espaço e se sinta confortável para expressar seus sentimentos. As autoras ainda ressaltam que o luto é entendido como um processo e não um estado, e que precisa ser respeitado e sentido de forma total, pois a medida em que o indivíduo se permite sentir a dor e os sentimentos da perda, estão compreendendo e entendendo o processo de forma saudável, evitando assim um luto patológico.

Filgueira (2021) diz que a forma como a família irá agir com a criança influencia diretamente o processo de luto da mesma, tornando-o mais fácil ou não. A mesma ainda afirma que a forma como a criança irá vivenciar o processo do luto, pode afetar e prejudicar suas vivências futuras, principalmente se não houver um bom diálogo, de modo que por mais que não compreenda totalmente o que está havendo, a criança sentirá falta do ente querido e com a falta de informações tende ter sentimentos de abandono e angústia, o que dificulta a elaboração do luto.

De acordo com Santana (2022) as crianças elaboram o luto da forma singular e com características específicas. A autora discorre acerca de alguns fatores para auxiliar a criança no processo de elaboração do luto, tais como: um diálogo claro, objetivo e verdadeiro sobre a morte da pessoa próxima a criança, e ainda a presença de um adulto, no qual a criança tenha um vínculo afetivo bem estabelecido para que possa ter um ambiente confortável em que a criança possa expressar sua tristeza e angústia diante da morte.

Sena, Oliveira e Alencar (2023) afirmam que para a criança elaborar a perda de um ente querido, principalmente se tratando daquele com a qual possuía um forte vínculo afetivo, torna-se uma tarefa difícil, pois o seu psiquismo ainda está em fase de construção e desenvolvimento, e ela necessita deste para que se sinta segura fisicamente e assim possa se desenvolver de maneira saudável. Por fim, as autoras salientam que quando o processo do luto na infância não é vivenciado de forma saudável, os sentimentos e angústias retornam na idade adulta e se manifestam de forma patológica, como fobias, ataques de ansiedade, pesadelos e insônias.

A partir das discussões acima as pesquisadoras perceberam uma unanimidade quanto a elaboração do luto infantil, em que o mesmo ocorre de forma distinta dos

adultos, com suas próprias características e também conta com influências externas, tal como a forma que o adulto mais próximo da criança irá lidar com a perda e com este irá proceder diante da criança. Este adulto se torna crucial para facilitar ou não o processo do luto desta, pois este irá desempenhar o papel antes estabelecido por aquele que morreu, onde a criança mantinha sua segurança.

Também é válido salientar acerca dos pontos que podem ser citados como facilitadores para a elaboração do luto da criança, tais como: um diálogo bem estabelecido sobre o que está acontecendo e a certeza de que a criança compreendeu sobre a irreversibilidade da morte.

5.3 Implicações do luto

Como já foi mencionado, o processo de elaboração do luto infantil depende de vários fatores, destes alguns podem facilitar ou dificultar este processo. Leandro e Freitas (2015) discorrem que o silêncio daqueles que podem informar e esclarecer o que está ocorrendo pode levar a criança a reprimir seus sentimentos, que no mais poderá acarretar em distúrbios de comportamento e/ou dificuldades de lidar com conflitos.

Santos e Muner (2020) também discorrem sobre o adulto próximo a criança, dizem que é necessário que este conte sobre a realidade dos fatos, e afirmam que a conversa, as explicações e falar a verdade sobre o assunto, diminuirá a dificuldade da criança em assimilar o que está acontecendo. Para os autores a criança possui uma grande capacidade de observação, e mesmo que o adulto não fale, por acreditar estar protegendo a criança do sofrimento, esta situação tende a deixar a criança confusa acerca dos fatos e acontecimentos e desamparada por não ter com quem conversar. Ainda de acordo com eles, não falar sobre a morte, tende, em grande escala, a dificultar o processo do luto.

Filgueira (2021) afirmou que os pais e os outros adultos importantes para a criança desempenham um papel considerável nesse momento de elaboração do luto da criança, e a forma como eles a protegem em seu sofrimento tem influência direta com o modo como a criança enfrenta a experiência de perda. Ela reforça que sentir dor pela perda faz parte do desenvolvimento do luto e assim como o adulto, a criança irá sentir, chorar e só assim passar pela aceitação.

Santana (2022) afirma que diante da morte de um dos pais a criança tende a perder os dois, aquele que veio a falecer por este motivo e o que ficou, por também estar passando por um processo de perda, assim o referencial que a criança tinha daquele que sobreviveu também é alterado. O adulto sobrevivente tende a ocultar e evitar demonstrar sua dor, por medo que seja conflituoso e perturbador para a criança, mas pelo contrário, demonstrar a dor pode facilitar o processo do luto para a criança, já que esta vai enxergar que isto é normal e também se sentirá confortável para expressar sua dor. A falta de informações sobre a morte, resulta na criança um estado de confusão e que posteriormente pode se manifestar através de patologias e ainda atraso no seu desenvolvimento. Por fim, a autora ainda salienta a importância de que a criança seja inserida nos rituais fúnebres do ente querido, pois em sua maioria estas não estão presentes neste momento. O funeral e o sepultamento se configuram como um último momento de despedida, algo necessário para que a criança compreenda que a morte é irreversível e para que possa se despedir.

Sena, Oliveira e Alencar (2023) retratam que na criança os sentimentos da perda podem se potencializar já que a mesma não possui completo entendimento e compreensão sobre o que realmente sente, com isso, a tristeza pode vir de maneira exacerbada, o que pode potencializar um episódio depressivo, há também a culpa, a raiva, o medo e a ansiedade, tudo isso tende a ocasionar em dificuldades para dormir, acordar ou se concentrar e ainda perder o interesse nas coisas do dia a dia.

São diversos fatores que influenciam no desenvolvimento de um luto saudável ou não, salientando que para crianças este processo torna-se um pouco mais duradouro, elas também necessitam de mais atenção, cuidado e ainda auxílio para compreender uma gama de fatores que passam a acontecer de forma rápida e de uma só vez. As pesquisadoras discordam que o processo de luto infantil dependa apenas do adulto, mas enfatizamos que está se torna uma peça importantíssima para auxiliar a criança neste momento.

5.4 O papel da psicoterapia no luto infantil

A partir dos estudos que foram selecionados e serão aqui citados observa-se que os autores se complementam, e que a partir dos anos os conceitos primordiais vão se acrescentando.

Brostman, Breunig e Macedo (2018) trazem a perspectiva da psicoterapia infantil como um modo no qual possa auxiliar a criança a passar por momentos difíceis, no caso, vivenciar a morte de alguém próximo. As autoras afirmam que a psicoterapia com crianças não ocorre do mesmo modo que com adultos. A principal diferença se dá pelo fato de que nos atendimentos infantis, geralmente possuem uma sala diferenciada, nesta há brinquedos, jogos e outras atividades, trabalhando fundamentalmente com o material lúdico, pois na maioria das vezes a criança fala de si por meio do brincar, e é no brincar que está se sente mais confortável para expressar seus sentimentos. Por fim, as autoras enfatizam que a Psicoterapia infantil tende a auxiliar a criança a lidar com situações e acontecimentos delicados, pois as ajudam a elaborar o luto e compreender seus sentimentos, por meio do brincar.

Oliveira (2020) informou acerca da importância de frisar que nem sempre a criança vai falar sobre morte, porém assimila e pode reproduzi-la através de histórias infantis, materiais lúdicos, atividades gráficas, e até mesmo através de um sintoma e adoecimento, ou seja, a criança pode não falar de uma forma explícita de como entende a morte, mas a assimila e compreende através de diversos fatores.

É imprescindível compreender que o processo e até mesmo as consequências das reações da criança ao luto dependem de vários aspectos, tais como: o estágio de desenvolvimento que ela pode vir a se encontrar, sua idade e sua estabilidade emocional.

Filgueira (2021) discorre sobre os instrumentos lúdicos, como a ludoterapia, onde o brincar é uma das maneiras com a qual a criança encontra para se relacionar com o mundo adulto. Na ludoterapia há também a utilização de alguns instrumentos como fantoche, livros, desenhos e jogos onde estes facilitam que a criança se expresse e venha a projetar seus sentimentos de forma lúdica, desta maneira elas tendem expressar um sofrimento que por vezes não é percebido de forma explícita.

De acordo com os estudos, é possível perceber que é através desse brincar que a criança realiza a sua comunicação e reorganização, sendo assim um considerável recurso para ser usado tanto após a morte para elaborar o luto, como antes, de uma forma preventiva. Santana (2022) aponta que há diversas razões que podem estimular o luto das crianças de forma a dificultar ou facilitar sua elaboração. Entre outros fatores irão se destacar as informações que a criança terá da perda, seus modelos de um relacionamento familiar antecedente, as suas alterações que ocorrem depois da

morte, e especialmente a ocasião que lhe é oferecido para partilhar seus sentimentos e emoções.

Sena, Oliveira e Alencar (2023) salientam a importância da ludoterapia, que se trata de uma Psicoterapia para crianças que visa proporcionar a capacidade e autonomia desta para resolver problemas e conflitos de forma saudável. Levando em conta que passar pelo processo do luto para a criança torna-se algo conflituoso e angustiante, ao incorporar as atividades lúdicas, elas tendem a compreender o que sentem através do brincar, com isso elas conseguem expressar sua dor.

As autoras ainda falam sobre o papel que o profissional da saúde mental desempenha nesse processo de auxiliar a criança a vivenciar o luto, visto que, o mesmo possui as ferramentas e técnicas que visam direcionar a criança a entender e lidar com a sua dor, e assim expressar suas emoções, fantasias e sentimentos sobre a perda. Por fim, as autoras retratam que é de grande relevância que a criança e a família possuam o acompanhamento profissional psicoterapêutico para que consigam compreender o que sentem e possam vivenciar o luto de forma saudável.

Deste modo vê-se que a Psicoterapia infantil, e principalmente a ludoterapia, desempenham um papel importante para auxiliar não somente a criança, mas também a família que está passando pelo processo do luto, salientando que a criança precisa compreender o que sente para que assim consiga elaborar o luto de forma saudável, o acompanhamento psicoterapêutico juntamente com os materiais lúdicos oferecem para esta criança a oportunidade de se expressar de forma saudável em um ambiente totalmente seguro e confortável.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo que possui como tema a importância da psicoterapia para crianças que vivenciam o luto de seus pais conseguiu atingir o objetivo de analisar em estudos o que já se foi publicado em relação ao tema através da revisão sistemática de literatura. O objetivo geral e específicos foram totalmente alcançados e percorridos ao longo desta pesquisa, com isso, o mesmo torna-se relevante para a Psicologia devido a contribuição feita sobre o proposto tema.

Foi possível perceber através dos estudos analisados que há uma incidência maior de estudos sobre a morte e o morrer no âmbito familiar após o ano de 2021, contexto pós pandemia COVID-19, porém, mesmo com o aumento desses estudos, ainda é possível ver uma certa escassez quanto ao tema da morte relacionado as implicações no desenvolvimento infantil. Contudo, as produções examinadas trouxeram consigo uma unanimidade acerca dos fatores que permeiam o luto infantil, suas implicações e os aspectos facilitadores para a criança.

Em relação ao luto infantil, foi visto que este acontece de forma individual, ou seja, cada criança vivência de sua maneira de acordo com sua idade e nível cognitivo. Também foi percebido que o diálogo e a relação do adulto que ficou podem direcionar a criança para um luto saudável, visto que, uma boa comunicação sobre o fato, esclarecendo o que está acontecendo de forma clara e objetiva, proporcionam a criança a chance de estabelecer um pensamento cognitivo acerca do fato.

Sobre o adulto que ficou, a forma em que este demonstra seus sentimentos e promove um ambiente confortável para que a criança também expresse os seus, é de extrema relevância para o processo da elaboração do luto da criança, que ocorre quando está entende o que sente e compreender a irreversibilidade da morte.

Além disso, durante a pesquisa foi encontrado algo novo, dentro da proposta do tema, foi visto que a ludoterapia, que é um tipo de psicoterapia onde seu principal público é infantil, mostrou-se de suma importância para o auxílio e manejo da criança em processo de luto, pois sua principal ferramenta é o brincar. É por meio do brincar que a criança expressa seus sentimentos, angústias, insatisfações e é por meio das brincadeiras que a criança estorna aquilo que vivenciou ou está vivenciando.

A psicoterapia infantil visa, principalmente, auxiliar a criança entender o que perpassa sobre seu ser e sobre aquilo que não está sobre o seu controle como os

fatores externos. Com isso, através da ludoterapia e o apoio familiar, a criança tende a entender, elaborar e vivenciar o processo do luto de forma saudável, sem danos no seu desenvolvimento e possibilitando conviver sem mais a presença daquele que ocupava a função de protetor, estabelecendo assim outro indivíduo que ocupe este lugar.

Por fim, faz se necessário salientar que este estudo não se encerra nele mesmo, pois como visto acima, ainda é poucos estudos que relacionam a morte com o desenvolvimento infantil, visto que a vivência da morte pode atingir negativamente biopsicossocialmente a criança, é de grande importância que haja estudos nessa área, tais como sobre a responsabilidade que tem o adulto que ficou responsável sobre esta criança para permear a mesma nesse processo difícil e doloroso.

REFERÊNCIAS

Gestalt-Terapia com Crianças
AGUIAR, L. : Teoria e Prática. 2. ed. São Paulo:
Summus, 2014.

ANGERAMI-CAMON, V. A. Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. São Paulo:
Pioneira Thomaon Learning, 2002.

ANTONY, S.; ZANELA, R. Infância na Gestalt-Terapia: caminhos Terapêuticos.
São Paulo: Summus, 2020.

ARIÉS, P. História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BEE, H. O Ciclo Vital. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BIAGGIO, A. M. B. Psicologia do Desenvolvimento. 24 ed. Petrópolis: Vozes,
2015.

BIROLI, F. O Que Saber; Família: Novos Conceitos. 3º ed. São Paulo: Editora
Fundação Perseu Abramo, 2014.

BORGES, M. L. S. F. Função materna e função paterna, suas vivências na
atualidade. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de
Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em:
<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17265>. Acesso em: 01 maio. 2023.

BORSTMANN, R. S.; BREUNIG, Y.; MACEDO, M. L. W. S. Psicoterapia infantil:
perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar. Revista IGT na rede,
v.15, n. 28, p 76-95, 2018. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 02
set. 2023.

BOYD, D.; BEE, H. A criança em desenvolvimento. 12º ed. Porto Alegre: Artmed,
2011.

BOWLBY, J. Apego e Perda. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOWLBY, J. Apego e perda: tristeza e depressão. 2º ed. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL, Secretaria Nacional da Família. Fatos e números: famílias e filhos no Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-dafamilia/fatos-e-numeros/familias-e-filhos-no-brasil.pdf>. Acesso em: 01 maio 2023.

BRITO, R. A. C. et al. A psicoterapia infantil no setting clínico: uma revisão sistemática de literatura. Contextos Clínicos, v.13, n. 2, p. 696-721, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000200016. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA, v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BROMBERG, M. H. P. F. A psicoterapia em situações de perdas e luto. 2ª ed. São Paulo: Editora Psy, 1998.

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. Psicol inf., São Paulo, v. 17, n. 17, p. 87-105, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141588092013000200007. Acesso em: 23 maio. 2023.

CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. Revista do colégio brasileiro de cirurgias, v. 34, p. 428-431, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 maio. 2023.

CORDIOLI, A. V.; GREVET, E. H. Psicoterapias: Abordagens Atuais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018

COSTA, T; SABINO, M; FEITOSA, L. REFLEXÃO SOBRE AS FAMÍLIAS NA ABORDAGEM CIENTÍFICA: um estudo de revisão bibliográfica sistemática. Revista Diálogos Acadêmicos, Fortaleza, v. 8, n. 2, jan/jun.2019. Disponível em: <http://revista.fametro.com.br/index.php/RDA/article/download/225/199>. Acesso em: 30 abr. 2023.

COSTA, T. Psicanálise com Crianças: Passo-a-Passo; V.75. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DUARTE A. C.; ALMEIDA D. V.; POPIM R. C. A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. Botucatu: Interface, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/3Dv8JJwysg6hH6XGdQc6FvP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FILGUEIRA, M. C. G. Morte e Luto na Infância: O papel da Família na Elaboração do Luto Infantil. 2021. 19. Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2021. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1428.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.

FRANCO, M. H. P. O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno. 1 ed. São Paulo: Summus, 2021.

FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. Modalidades de intervenção Clínica em GestaltTerapia. Gestalt-Terapia: Fundamentos e práticas; V. 4. São Paulo: Summus, 2016.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (Trauer und Melancholie). in: *Gesammelte Werke. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. (1914-1916)*. Edição Obras completas de Sigmund Freud. São Paulo: Cia das letras. 2010.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). in: James Strachey. *O caso Schreber: artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FURLAN, M. R. A construção do “ser” criança na sociedade capitalista. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, [S.l.], v. 20, n. 38, p. 3-15, abr. 2020. ISSN25962809. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1323>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 maio. 2023.

GOMES, A. d. A. A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea. 2011. 285 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97442>>. Acesso em: 07 maio. 2023.

GUIMARÃES, R. Pesquisa em saúde no Brasil: contexto e desafios. *Revista de Saúde Pública*, v. 40, p. 3-10, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/dysbnMJfbx5pfSB4PP3VBLp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 maio 2023.

HAVILAND, W. A. et al. *Princípios da Antropologia*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

IBDFAM. Dicionário reformula conceito de família. Instituto Brasileiro de Direito da Família, 2016. Disponível em:
<https://ibdfam.org.br/noticias/5990/Dicion%C3%A1rio+reformula+conceito+-+de+f>.
Acesso em: 01 maio 2023.

KOVÁCS, M. J. Educação para morte: quebrando paradigmas. Novo Hamburgo: Synopsys Editora, 2021.

KOVÁCS, M. J. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a Morte e o Morrer. 10^o ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LANE, S. T. M.; CODO, W. Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEANDRO, J. C.; FREITAS, P. M. L. Luto infantil: a vivência diante da perda de um dos pais. Revista Uninga, vol. 46, n. 1, p. 69-75, 2015. Disponível em:
<https://revista.uninga.br/uninga/article/view/1228/850>. Acesso em: 04 ago. 2023.

MARÇAL, K. Luto na infância e juventude: Características e implicações para o desenvolvimento saudável. Orientadora: Me. Silvia da Encarnação de Barros Ramos, 2015. Relatório de Prática Clínica (Mestrado em Cuidados Paliativos) – Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias. Castelo Branco, Portugal, 2015.

MARCONI, M. d. A.; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDES, L. S. T.; ROCHA, N. S. Teoria do apego: conceitos básicos e implicações para psicoterapia de orientação analítica. Revista Brasileira de Psicoterapia, v. 18, n. 3, p. 1-15, 2016. Disponível em:

<https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v18n3a01.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2023.

NASCIMENTO, C. C. et al. Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 6, n. 2, p. 426-449, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2023.

Observa infância: Brasil tem mais de 40 mil órfãos da Covid-19. Fundação Oswaldo Cruz, 2022. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/observa-infancia-brasil-tem-mais-de-40-mil-orfaos-da-covid-19>. Acesso em: 17/08/2023.

OLIVEIRA, D. P., et al. A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo do luto infantil. *International Journal of Development Research*, v. 10, n. 10, p. 41120-41124, 2020. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/crian%C3%A7a-e-morte-um-estudo-acerca-do-l%C3%ADico-no-processo-de-luto-infantil>. Acesso em: 04 ago. 2023.

PADILHA, M. G. Teoria do apego: Constituição psíquica e relações interpessoais da criança. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade de Caxias do Sul. Cafilxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/8399/TCC%20Marina%20Gabriela%20Padilha.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=A%20teoria%20do%20apego%20%C3%A9,estabelecem%20com%20outros%20em%20especial>. Acesso em: 30 ago. 2023.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R D. *Desenvolvimento Humano*. 12º ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PINTO, Ê. B. *Psicoterapia de Curta Duração na Abordagem Gestáltica: Elementos para a Prática*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016.

RAMIRES, V. R. R.; SCHNEIDER, M. S. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n.1, p. 25-33, mar. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>. Acesso em: 26 out. 2023.

RAMOS, V. A. B. O processo de luto. *Revista Psicologia*, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 06 maio. 2023.

RIBEIRO, J. P. *Psicoterapia: Teorias e Técnicas Psicoterápicas*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013.

SANTANA, K. C. O vivenciar o luto na infância. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes*, v.13, ed. esp., 2022. Disponível em: file:///C:/Users/J%C3%BAlio%20Gabriel/Downloads/Resumo+13_O+VIVENCIAR+D+O+LUTO+NA+INFANCIA.pdf. Acesso em: 04 ago. 2023.

SANTOS, G. K. N., et al. O medo da morte e o morrer em estudantes da saúde. *Psicologia em Pesquisa*, v.16, fev. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198212472022000100008. Acesso em: 20 abr. 2023.

SANTOS, J, L, F; MUNER, L, C. LUTO: os aspectos psicológicos da criança na segunda infância e seu processo. *Revista Cathedral*. v. 2, n. 4. p. 108-118, dez. 2020. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/246>. Acesso em: 13 de ago. 2023.

SENA, N. G.; OLIVEIRA, D. P.; ALENCAR, C.C. Morte e perdas na Infância: Expressão do Luto em uma criança que vivenciou a perda de um familiar. *Revista científica de alto Impacto*, ed. 123, p. 1- 19, 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/morte-e-perdas-na-infancia-expressao-do-luto-em-uma-crianca-que-vivenciou-a-perda-de-um-familiar/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, p. 379-387, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dpNgmLwyLTrmYqHG4T3zByj/>. Acesso em: 06 maio 2023.

SCHAEFER, R. T. *Sociologia*. 6 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

TORRES, W. C. *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

VILAÇA, M. L. C. Pesquisa e ensino: considerações e reflexões. *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 1, n. 2, p. 59-74, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268394813.pdf>. Acesso em: 06 maio 2023.

VYGOTSKY, L. S. A. *Formação social da mente*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WITT, J. *Sociologia*. 3 ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.

WORDEN, J. W. *Aconselhamento do luto e terapia do luto*. 4^o ed. São Paulo: Roca, 2013.

WORDEN, J. W. *Aconselhamento do luto: um manual para profissionais da saúde mental*. São Paulo: Roca, 2013.